



EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM FLOR: PERMACULTURA E TEATRO DO OPRIMIDO NA TRILHA DA SUSTENTABILIDADE

Priscilla Teixeira Campos¹

Eixo Temático: 21. Educação e Pesquisa em espaços não formais.

RESUMO

Inserir o Teatro do Oprimido como metodologia potencializadora das vivências de Educação Ambiental para os jovens do Movimento Coletivo da Juventude no sertão sergipano. A metodologia é baseada na Pesquisa-Ação (BARBIER, 2007) contemplando a metodologia descrita por Boal (2004, 2009), utilizando o conceito de Sustentabilidade de Legan (2004), numa Educação Ambiental crítica Leff (2001) Dias (2004) e Loureiro (2006). A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, entrevistas, rodas de conversa e diários de campo. Foram criados diversos materiais estéticos. Os resultados preliminares contemplam 150 h de trabalho de campo, 1 oficina em caráter de imersão por 8 dias com 30 jovens, 1 peça de teatro fórum sobre agrotóxicos que foi apresentada 7 vezes, 1 documentário do processo. Foram mobilizadas 483 pessoas.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Flor da Permacultura, Sustentabilidade

ABSTRACT

Inserting the Theatre of the Oppressed as potentializer methodology of Environment Education experiences for young people from the Youth Collective Movement of the hinterland of Sergipe. The methodological development proposes Research-Action (BARBIER, 2007), covering the methodology described by Boal (2004, 2009), using the concept of sustainability Legan (2004), in Leff's critical view of the Environment Education (2001), Dias (2004) and Loureiro (2006). Data collection was performed through questionnaires, interviews, discussions and research diaries. Various aesthetic materials have been created. Preliminary results include 150 hours of field work, 1 workshop on character immersion for 8 days with 30 young people, 1 theatre play was presented seven times, 1 documentary. 483 people were mobilized.

Keywords: Environmental Education, Permaculture's Flower, Sustainability

"Ser cidadão não é viver em sociedade, mas transformá-la"

Diante da crise socioambiental em que nos encontramos, vemos esse momento como crucial para o entendimento, comunicação e prática da Sustentabilidade. E apontamos a Educação Ambiental, EA, como um caminho para alcançarmos a própria. Porém, grande parte das experiências existentes em Educação Ambiental tem sido um processo falho quanto ao alcance de seus objetivos (LEFF, 2009). Um dos motivos é que a preocupação inicial dos educadores limita-se aos objetivos de conservação da natureza, não aprofundando aspectos relacionados à pluralidade do ser humano. Destitui-se assim, os entendimentos e provocações advindos da percepção dos campos simbólico (razão) e sensível (sentimento), que juntos nos dão o conhecimento e, portanto, a compreensão mais próxima da realidade (BOAL, 2009).

Nesse sentido, esse trabalho busca compreender como o Teatro do Oprimido (BOAL, 2006), TO, e a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) potencializam as vivências de EA por unir a percepção dos campos simbólico e sensível na formação de educadores ambientais numa visão sustentável. Pois a “Arte é pedagogia do entendimento.” (BOAL, 2007, p.7). Além do que, “[...] é por meio da arte que expressamos nossa forma de agir, de sentir e de pensar, sentindo-nos mais integrados, e podendo sistematizar a realidade simbolicamente.” (ORMEZZANO; POMA, 2013, p. 229).

Esse artigo é oriundo do trabalho de campo desenvolvido em julho de 2012 como parte da dissertação de mestrado da autora em andamento pelo Prodepa/UFS.

O presente texto divide-se em 5 sessões: ONDE ESTAMOS, na qual caracterizamos a crise socioambiental atual; EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM FLOR, na qual apresentamos nossa ideia de EA bem como a Flor da Permacultura como uma visão da Sustentabilidade; TEATRO DO SENSÍVEL, na qual demonstramos o Teatro do Oprimido (TO) e a estética boalina ; CAMINHOS DA PESQUISA, na qual falaremos da Pesquisa-Ação barbieriana e os instrumentos de coleta e análise dos dados; NA TRILHA DA SUSTENTABILIDADE, na qual traremos os resultados preliminares com suas reflexões.

ONDE ESTAMOS

Segundo Loureiro (2006), o entendimento da crise socioambiental é o ponto de partida para qualquer trabalho de EA. Portanto daremos início a nossa apresentação ao esclarecimento da mesma.

Nós, seres humanos pressionamos o equilíbrio do planeta de diferentes formas. “Agimos como se estivéssemos acima das regras que regem as demais espécies do planeta” (MORAN, 2011, p. 30).

Sobrecarregamos os sistemas naturais pelo uso irracional dos recursos e a geração de resíduos que modificam biogeoquimicamente os ciclos naturais, apontadas por esse autor (id.) como a crise socioambiental: perda da biodiversidade, diminuição da cobertura dos solos, desertificação, perda de florestas tropicais, extinção de espécies, acidez, empobrecimento e envenenamento dos solos pelo uso de agrotóxicos. Gerando consequências diretas ao ser humano como: escassez de recursos, alterações no clima chuvas torrenciais e secas prolongadas, epidêmicas, êxodo rural, crescente urbanização, violência, fome, desigualdades sociais, crimes e guerras.

Diante desse cenário, diversos autores concordam com a necessidade de se entender a relação entre o homem e a natureza, as consequências dessas ações para natureza e por conseguinte para o homem. Pois “[...]a natureza pode prescindir da cultura, mas não existe sociedade e cultura sem natureza” (DI CIOMMO, 2003, p. 434). Entender, mas de forma complexa, sem hierarquizações e aceitando a diversidade. Já que não existe hierarquia na natureza e a mesma é bio e sócio diversa.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM FLOR

Vislumbramos uma educação que valoriza a “perspectiva de uma EA voltada para a formação de um sujeito crítico, capaz de efetuar uma leitura de mundo contextualizada histórica, social e politicamente,

compreendendo suas relações com a questão ambiental; e, ainda, capaz de se mobilizar e se empoderar, desencadeando uma ação transformadora, ativa nos ambientes de vida a qual pertence” (MMA, 2005).

Di Ciommo (2003) aponta a Educação Ambiental como uma instância mediadora no resgate de valores sufocados pela visão de mundo utilitarista. “Experiências educacionais bem-sucedidas são tentativas de dotar a educação de um poder transformador, que é político, porque reforça o conceito de cidadania” (p. 434).

Uma educação capaz de transmitir o senso de responsabilidade e cuidado pelo ecossistema comum que habitamos- a biosfera. Que Segundo Camargo (2003) é o grande sistema constituído pelos domínios da vida. Palco gigantesco composto por bilhões de complicados cenários, nos quais dois princípios aparecem como fundamentais: o primeiro é que nenhum organismo vive só. O segundo diz respeito ao grande equilíbrio que resulta de todas as manifestações vitais.

Segundo Mollisson (1997), a habilidade de manter esse sistema de uma forma permanente e harmônica, traduz-se em Sustentabilidade ou Permacultura. Para nós, traduz-se em habilidade de sustentar. Que é peculiar a cada indivíduo. O conhecer suas habilidades para melhor utilizá-las.

A Permacultura é o desenho de comunidades humanas sustentáveis, uma filosofia de uso da terra que inclui estudos de microclimas, plantas anuais e perenes, animais, solos, manejo da água e necessidades humanas, em uma teia organizada de comunidades produtivas. “É a ecologia dos recursos fundamentais do planeta Terra” (MORROW, 1993, p. 13). Trata do cuidado com a terra, com as pessoas, a partilha dos excedentes e a redução do consumo. Segundo Legan (2004), a sustentabilidade, integra-se em 6 temas englobados em uma flor de 6 pétalas, denominada de Flor da Permacultura : Água, Energia e Tecnologia, Interação Humana, Espécies e Ecossistemas, Economia Local e Segurança Alimentar. Cada pétala traz formas sustentáveis de lidar com o seu tema, propondo soluções para os problemas que ela engloba. Essa flor foi o nosso fio da meada durante esse trabalho. Pois traduz-se num desenho de Sustentabilidade de qualquer ambiente quando devidamente contextualizada, seja em seus aspectos físicos e também humanos e portanto na relação homem- natureza. É nessa relação que reside a complexidade desse tema. As dificuldades em se trabalhar a EA e os entraves da sustentabilidade.

Esses entraves são complexos porque vivemos numa grande teia de interdependência (CAPRA, 1994), somos seres ecodependentes (MORIN, 1977), temos uma individualidade única e heterogênea (MORAN, 2011), pertencemos a um coletivo sujeito a perturbações político-econômicas e temos diferentes padrões de perceber e nos relacionarmos com a natureza (SANTOS, 2007, 2009).

Ora, estamos diante do Paradigma da Biocomplexidade (MORAN, 2011), no qual nos deparamos com uma ciência reducionista para lidar com questões complexas e transdisciplinares como as questões ambientais. Não só pelos preceitos éticos que são os pilares da EA, como também pela lida com a sustentabilidade, da qual não se encontrou ainda em ambas um consenso para suas práticas (CAMARGO, 2003).

Então, centramos nossas reflexões em como trabalhar o Pensamento Sensível (sensibilidade) aliado ao Pensamento Simbólico (razão) que segundo Boal (2009) é a chave para melhor compreensão da realidade. E para isso, trazemos as contribuições do Teatro do Oprimido, principalmente da Estética do Oprimido para essa discussão.

TEATRO DO SENSÍVEL

Durante o trabalho de campo toda a parte teórica foi permeada por vivências artísticas inspiradas em jogos teatrais (BOAL, 2006) e produção estética (BOAL, 2009). Para Rodrigues e Henning (2012), “aprender pode vir a ser uma abertura de si às diferenças. Abrir diferenças de pensamento a partir de práticas estéticas concretas.” (p. 186). Diante de tal tarefa, precisamos de ferramentas à altura. Para sairmos também da crise denominada por muitos autores como crise de percepção e de valores (CAPRA, 2004).

Segundo Read (2001), o objetivo da educação é o de desenvolver juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo. E a educação estética é de fundamental importância. A educação dos sentidos, nos quais a consciência e em última instância a inteligência e o julgamento do indivíduo humano estão baseados. É só quando esses sentidos são levados a uma relação harmoniosa e habitual com o mundo externo é que se constitui uma personalidade integrada. Segundo o autor (id.), para alcançar esse objetivo a arte deve ser a base da educação.

Para Duarte (1988), ao objetivar sentimentos, a arte permite ao espectador uma melhor compreensão de si próprio – dos padrões e da natureza dos seus sentimentos.

“A Educação é por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos” (p.74).

Portanto, a arte através da educação, amplia a percepção do homem. Seja em relação a si mesmo ou em relação ao ambiente que o cerca.

Ao nos referirmos à estética, elencamos o conceito defendido por Boal no qual, estética é a comunicação através dos sentidos.

Segundo Boal (2009), existem duas formas humanas de pensamento: o Pensamento Sensível, que diz respeito às sensações, às emoções; e o Pensamento Simbólico, que diz respeito à organização dessas sensações e se traduz em linguagem verbal e escrita. São formas complementares, poderosas, mas são ambas manipuladas e aviltadas por aqueles que impõem suas ideologias às sociedades que dominam. E Estes o fazem através do analfabetismo cultural, historicamente alienante, partindo duma concepção marxista.

Segundo esse autor, para fazer o caminho inverso da lógica dominante, deve-se trabalhar o Pensamento Sensível. Pois, “[...] ao educar a sensibilidade, a partir dessa relação afetiva entre ser humano e ambiente, também a relação do ser humano com seu igual é ressignificada, desenhando um novo sentido do agir ético” (SILVEIRA, 2009, p. 380).

Uma forma de trabalhar o Pensamento Sensível é através da criação estética da Palavra, Som e Imagem, que segundo Boal (2009) são os três canais estéticos de dominação cultural.

Para Sanctum (2012), toda trajetória boalina foi de luta principalmente contra a opressão cultural. Que “ [...] aliena o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível” (BOAL, 2007, p. 8). O objetivo era a criação, o novo, o que nos desvencilha da reprodução cultural, da acomodação, pois a luta é a de superação desse estado no homem. “É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga...muitas vezes em nome de sua própria libertação.” (FREIRE, 2009, p. 51). É uma violência sutil que quase sempre confunde liberalismo com liberdade.

O TO foi escolhido por ser uma ferramenta de educação popular de ampla abrangência e amplitude. “O TO é uma formulação teórica e um método estético cuja teoria e práxis estão inspiradas na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire”. (MOTOS-TERUÉL; NAVARRO- AMORÓS, 2012, p. 623, tradução nossa).

O Teatro do Oprimido possui várias vertentes, o teatro jornal, o teatro invisível, o teatro legislativo, mas nos ateremos aqui ao Teatro-Fórum juntamente com a Estética do Oprimido, metodologia que usamos nessa pesquisa para promover o debate das questões socioambientais propostas nesse trabalho.

CAMINHOS DA PESQUISA

Esse estudo é de natureza Qualitativa (BAUER; GASKEL, 2011), baseada na Pesquisa-Ação (BARBIER,

2007), de caráter integral, pessoal, comunitária e integrada. “[...] a Pesquisa-Ação torna-se existencial e passa a perguntar sobre o lugar do homem na natureza e sobre a ação organizada para dar-lhe um sentido” (p. 18). É uma ação contextualizada, não apenas descritiva. Na qual “[...] a categoria do ‘sensível’ corresponde ao seu eixo central de compreensão” (p.71). A pesquisa é desenvolvida em conjunto com todos os participantes sendo estes considerados como um único corpo, o Pesquisador Coletivo que participa inclusive da análise e discussão dos dados. Tem ainda como característica a Escuta Sensível como “[...] indispensável na nova Pesquisa-ação” (p. 93).

Desenvolvemos o campo desse trabalho em 2012 com 30 jovens oriundos de diversos assentamentos do sertão sergipano e capital participantes do Movimento Coletivo da Juventude entre idade de 9 a 39 anos.

Foi realizada uma Oficina de Teatro do Oprimido Ambiental no Centro de Formação Ana Patrícia em Porto da Folha/SE em imersão durante 8 dias. Nos quais foram trabalhadas as pétalas/tema da Flor da Permacultura juntamente com as vivências artísticas do Teatro do Oprimido e Estética do Oprimido. O ritmo diário que repetiu-se pelos 8 dias foi: início do trabalho com uma mística realizada por eles, um aquecimento/alongamento, os jogos das 5 categorias do TO com o intuito de montar uma peça de teatro-fórum a ser apresentada e debatida na rua com a sociedade – ação política; uma criação artística baseada na estética e uma discussão da pétala/tema do dia contextualizada com a realidade local. À noite assistimos documentários pertinentes ao que estávamos discutindo intercalando com apresentações culturais trazidas por eles de suas localidades. Foram contadas 4 histórias de opressão das quais foi escolhida uma sobre a temática agrotóxico que foi encenada para posterior debate na rua. A peça intitulou-se “Agrotóxicos- uma idéia que engana” e partiu da discussão da pétala Segurança Alimentar, do Documentário de Silvio Tandler “O Veneno está na Mesa” e de uma história de opressão real vivenciada por um dos participantes da pesquisa.

A coleta e análise dos dados se dá de forma contínua na pesquisa qualitativa, pois um processo interfere no outro não podendo ser feitos de formas separadas Lakatos (2002).

Para coleta de dados utilizamos entrevistas semi-estruturadas, grupo focal, questionário tendo como linha de base a Flor da Permacultura que foi utilizada como pré-teste para identificar o conhecimento dos jovens acerca de seu ambiente. Eles preencheram uma Flor antes do início da oficina e outra ao final (pós-teste). A comparação das duas indicará o aproveitamento ou não dos conceitos socioambientais trabalhados durante a intervenção com o Teatro do Oprimido na oficina.

E ainda outros, como os Diários de Campo do pesquisador individual: muito utilizado na etnografia, nos quais foram registradas impressões, sonhos, pensamentos, observações do trabalho de campo e de todo o desenvolvimento da pesquisa para posterior reflexão e análise. E os Diários de Campo dos sujeitos pesquisados/pesquisadores ou do Pesquisador Coletivo: no qual cada participante possuía um caderno que foi entregue no primeiro encontro com o grupo e foi recolhido no último dia de oficina. Nesse diário eles foram convidados a escrever sobre suas impressões, sonhos, pensamentos, poemas, desenhos, enfim; registrar o que eles quisessem sobre o processo que estariam vivenciando durante aquela semana. Nesses diários encontrei desabafos principalmente quanto ao ritmo de trabalho puxado, ao cansaço físico, corpo dolorido; cartas aos familiares distantes com muitas saudades- muitos nunca tinham saído de casa e de repente estavam imersos em um processo de muitas vivências com estranhos. Impulsos de mudanças, ideias inovadoras, poesias, fragmentos de músicas, alguns desenhos, reclamações sobre os colegas, a bagunça do alojamento, o barulho, a falta de entendimento do caminho que estávamos fazendo e aonde iríamos chegar; mas principalmente muita gratidão ao final da vivência. Pelas descobertas internas, pelas mudanças percebidas em si e no grupo. Ter acesso a esses diários tem enriquecido muito a minha compreensão do que havia se passado ali com aquelas pessoas e inclusive comigo.

Durante o processo da oficina foram criados diversos materiais estéticos tais como: quadros, pintura e esculturas individuais e coletivas, 4 músicas e 1 peça de teatro-fórum para a temática agrotóxicos como inserção do problema-caso. Os resultados preliminares contemplam 150 h de trabalho de campo, 1 oficina

em caráter de imersão por 8 dias com 30 jovens do Movimento Coletivo da Juventude de diversas localidades do sertão e capital sergipana. Um documentário ecopedagógico sobre o processo. A peça criada coletivamente pelos jovens foi apresentada 7 vezes em: Poço Redondo/Se, Porto da Folha/SE, Quiçamã/SE, Japoatã/SE, e no Congresso Nacional de Camponeses em Brasília/DF que não acontecia há mais de 30 anos e reuniu esse ano 5000 pessoas. Foram mobilizadas nesse trabalho 483 pessoas entre o Pesquisador Coletivo e plateia que participou da discussão do fórum proposto.

Todo o material coletado foi registrado em áudio e vídeo e no momento está sendo analisado juntamente com o Pesquisador Coletivo. A análise também perpassa pela Análise Temática e Categorização dos dados da Pesquisa no intuito de criar uma Flor da Permacultura Local contextualizada com indicações de práticas sustentáveis que possam nortear políticas públicas adequadas à região. Estão sendo produzidas cartilhas educativas para multiplicação dessa metodologia com o grupo Pesquisador Coletivo que contará ainda com o Documentário como material ilustrativo da proposta. Além da disponibilidade audiovisual da Peça na íntegra e das Musicas criadas para replicação do processo. Os resultados desse trabalho também serão encaminhados para revistas científicas para sua devida divulgação na academia.

NA TRILHA DA SUSTENTABILIDADE

Partimos da atual conjuntura de crise socioambiental com o intuito de compreender e se fazer compreender via EA a problemática que vivenciamos nos dias de hoje; para termos condições de entendendo poder apontar uma solução em vias de Sustentabilidade planetária. Caminhamos entre mata fechada tentando abrir uma fresta através da criação artística que nos desmecanizasse o pensar para podermos pensar de fato. Trabalhando o Sentir através das vivências artísticas e o Querer através da ação política.

Preparei uma oficina para 30 desconhecidos. Sabia previamente que eram jovens e que moravam no campo. Havia conversado com a líder do Movimento Coletivo da Juventude que me passou as informações sobre o grupo e quais os maiores temas de interesse: a questão agrária e principalmente os agrotóxicos. Preparei-me teoricamente para o debate. Chegando lá, havia 32 jovens, alguns da cidade outros do campo, alguns de 9 e outros de 39 anos. Abri-me para esse grupo. Exercitei a Escuta Sensível de que nos fala Barbier (2007), inclusive para a escolha dos jogos e exercícios do TO (BOAL, 2006, 2009). Tinha-os como um cardápio de aprendizagem a minha disposição. Percebia qual alimento o grupo estava precisando trabalhar para ampliarmos as discussões socioambientais e vivências e o propunha em forma de vivência artística que achava mais indicada para alcançar a compreensão daquela temática. Claro que essa postura prescinde de um conhecimento prévio do terreno da EA, do TO e das experiências em trabalhos com comunidades, adquiridas há 8 anos pelas vivências através do Projeto Argos itinerante de Arte-Educação Ambiental que sensibilizou mais de 3000 pessoas com um trabalho de EA em 13 estados brasileiros e a sistematização dessa experiência durante dois anos na UFC (CAMPOS et al 2011, 2012) inclusive com formação de professores (PEREIRA et al, 2012).

Então posso dizer que a oficina mudou quase que completamente do que foi sua concepção inicial para o que ocorreu no campo. E mudou num processo de regência múltipla, em que o grupo demonstrava suas demandas e propostas e eu acatava e também propunha continuamente durante todo o processo. E essa abertura e entrega tanto minha quanto do grupo ao trabalho fez com que criássemos coletivamente também o caminho que está nos levando a nossa compreensão da Sustentabilidade.

Nesse sentido entendo o Pesquisador Coletivo como coloca Barbier (id.) como sendo o catalizador das mudanças; já que ninguém mais do que eles mesmos entendem sua conjuntura; e compreender a realidade que os cerca é também uma questão de linkar as informações necessárias. Os resultados do trabalho estão sendo discutidos com o grupo Pesquisador Coletivo e serão concluídos mediante suas contribuições ao final dessa pesquisa. Vejo o meu papel nesse trabalho como a entusiasta e organizadora da vivência, mas vejo esse trabalho como uma criação coletiva em termos de produção do conhecimento e metodologias de trabalho geradas.

Sendo assim, considero que encontramos uma fresta na mata escura. Ainda não alcançamos a compreensão do que seja a Sustentabilidade e suas práticas para os sujeitos pesquisados- pesquisadores; mas certamente estamos na sua trilha.

Notas

¹ Oceanóloga, bolsista Capes, Mestranda Prodepa/UFS, priscooceano@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, R. A Pesquisa-Ação/ René Babier. Tradução de Lucie Didio. – Brasília: Liber Livro editora, 2007. 159 p.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. [9. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 516 p.

BOAL, A. Jogos para atores e não-atores. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 347 p.

_____. Educação, pedagogia e cultura. IN – Revista Metaxis: Informativo do Centro de Teatro do Oprimido, CTO-RJ, 2007. p. 7-8.

_____. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 256 p.

CAMARGO, A. L. B. Desenvolvimento Sustentável: Dimensões e Desafios- Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Papirus Educação). 160 p.

CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 6.ed. São. Paulo: Cultrix, 2001. 256 p.

CAMPOS, P. et al. A Arte como ferramenta para melhoria da qualidade de vida em Pindoretama/CE. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 12 a 16/12/2011, FORTALEZA/CE. Anais eletrônicos...Fortaleza, 2011. Disponível em: Acesso em: 02 abr. 2012.

_____. Arte Educação Ambiental: o Teatro na trilha de práticas sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 85 -101.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. IN - Estudos feministas, Florianópolis, v. 11, n 2, p. 423-443, julho-dezembro, 2003.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo, SP: Gaia, 2004. 551 p.

DUARTE JUNIOR, J. F. Porque arte- educação 5ªed. Campinas: Papirus, 1988.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 158 p.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 494 p. (Coleção educação ambiental)

LEGAN, L. A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente. Pirenópolis: IPEC, 2004. 171 p.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. ; CASTRO, R. S. Sociedade e meio ambiente: a educação

ambiental em debate. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2006. 183 p.

MMA, 2005. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores / Luiz Antônio Ferraro Junior, organizador. – Brasília, MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.

MOLLISSON, B. Introductions to permaculture. Ten Speed Pr; Revised edition, 1997. 216 p.

MORIN, E. O método. Vol. 1: a natureza da natureza. Título original: La méthode 1: la nature de la nature. Éditions du Seuil, 1977.

MORROW, R. Permacultura passo a passo. Pirenópolis: IPEC, 1993 155p.

MOTOS-TERUEL, T. ; NAVARRO-MORÓS, A. Estrategias del Teatro del Oprimido para la formación permanente del profesorado. Magis, Revista Internacional de Investigacion em Educacion, v.4, n 9, p. 619-635, 2012.

ORMEZZANO, G. ; POMA, S.T. Educação Socioambiental, imaginário e artes visuais. Educação, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 219- 232, jan/abr, 2013.

PEREIRA, M. et al. Árvore do Bem viver: Educação Ambiental e diálogos de saberes sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 49 - 71.

READ, H. E. S. ; SIQUEIRA, V. L. (Trad.). A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 366 p.

RODRIGUES, C.G. ; HENNING, P.C. Por uma educação do micro: ensaios sobre experimentações no corpo. Interações, n. 21, pp. 179-189, 2012.

SANCTUM, F. Estética do Oprimido de Augusto Boal – uma odisseia pelos sentidos. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- graduação em Ciência da Arte – Universidade Federal Fluminense. Orientadora Dra. Martha D´angelo. 129p. 2011.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências/ Boaventura de Souza Santos. – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

_____.Renovar a teoria crítica reinventar a emancipação social. / Boaventura de Souza Santos; tradução Mouzar Benedicto. – São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, J. E.; SATO, M. A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora. 3. ed. São Carlos, SP: RiMa, 2006. 604 p.

SILVEIRA, E. A arte do encontro: a Educação Estética Ambiental atuando com o Teatro do Oprimido. Educ. rev. [online]. vol.25, n.3, pp. 369-394, 2009.